



Narrativas Urbanas: Olhares do Sujeito para a Cidade¹

Ronaldo Velho BUENO²

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

Resumo

O presente artigo busca discutir as potencialidades das narrativas cotidianas como um processo de acionamento dos sujeitos para a redescoberta de sua relação com o espaço urbano. O referencial teórico é transdisciplinar, percorrendo as perspectivas do Jornalismo Literário Avançado, de Edvaldo Pereira Lima; do Jornalismo Amoroso e da comunicação como trama de subjetividades, de Maria Luiza Cardinale Baptista; além de aproximações com a Geografia Crítica, com Milton Santos e David Harvey. Em termos metodológicos, trata-se de um estudo com orientação qualitativa, associando levantamento bibliográfico com relatos de observação participante no espaço urbano de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha. O estudo, em fase inicial, sinaliza o potencial das narrativas para o acionamento dos sujeitos em interação com a cidade, a partir do contexto de pós-modernidade. Propõe a reflexão para a complexidade e encanto da cidade, compreendendo a potência para a produção de narrativas urbanas, marcadas pelo que Baptista (2012) vem chamando de Jornalismo Amoroso, pautado por olhares múltiplos e sensíveis³.

Palavras-chave: jornalismo literário; narrativa; amorosidade; espaço urbano.

Olhares Iniciais

Este artigo pretende discutir as potencialidades das narrativas cotidianas para o acionamento dos sujeitos em um processo de redescoberta e reinvenção de sua relação com o espaço urbano. O estudo é o resultado da participação do estudante nos Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo, rodas de conversa promovidas pelo Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS). A produção é vinculada ao projeto de pesquisa *Usina de Saberes em Comunicação*, desenvolvido no mestrado em Turismo e na graduação em Comunicação

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Estudante de graduação em Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul. Bolsista voluntário do Projeto de Pesquisa “Usina de Saberes em Comunicação” (CNPq-UCS). Integrante do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. E-mail: ronaldovelhobueno@gmail.com

³ Trabalho orientado pela professora do Curso de Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul – UCS, Maria Luiza Cardinale BAPTISTA. E-mail: malu@pazza.com.br



Social da Universidade de Caxias do Sul, sob a coordenação da professora Maria Luiza Cardinale Baptista.

O trabalho tem a proposta de apresentar essas narrativas por meio da perspectiva da comunicação como trama de subjetividades. Para isso, propõe a reflexão para a complexidade e encanto da cidade, compreendendo a potência para a produção de narrativas urbanas, marcadas pelo que Baptista (2012) vem chamando de Jornalismo Amoroso, pautado por olhares múltiplos e sensíveis. O referencial teórico ainda percorre as perspectivas do Jornalismo Literário Avançado, proposto por Edvaldo Pereira Lima, além de fazer aproximações com estudos acerca dos espaços geográficos. Neste aspecto, podemos ressaltar, especialmente, as contribuições da Geografia Crítica, com Milton Santos e David Harvey.

O texto se propõe a convidar o leitor a percorrer o caminho sinalizado pelas narrativas urbanas, entrelaçando-as com as linhas teóricas já mencionadas. Os olhares para a cidade nos mostram que todo espaço geográfico é um texto. Sendo assim, o convite lançado consiste em deixar-se olhar para além da rigidez do aço e concreto, buscando o potencial de criação e de (re)descoberta dos sujeitos para um novo estar no mundo.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa pretende associar a realização de levantamento bibliográfico, seminários teóricos e relatos de observação participante no espaço urbano de Caxias do Sul. A cidade, marcada pelo encontro de culturas, é a segunda maior aglomeração urbana do Rio Grande do Sul, com população estimada em mais de 470 mil habitantes⁴. Vale ressaltar que o projeto encontra-se em fase inicial, concentrando-se, neste primeiro momento, na revisão do referencial teórico e nas discussões sobre o tema proporcionadas pelos Encontros Caóticos. Mesmo assim, já é possível perceber que as narrativas urbanas carregam uma trama de afetos e intencionalidades, coerente com o dinamismo social característico da pós-modernidade.

Referencial teórico

“Voltei os olhos para a rua, onde o cotidiano levava as pessoas para seus destinos. Fiquei me perguntando qual seria o traçado de cada um. O som abafado que vinha de fora entrava em meus ouvidos como melodia regida por aquelas vidas. Os casais de mãos dadas, o sorriso da mãe ao escutar as histórias do pequeno filho, o colorido dos cabelos das jovens que voltavam da escola, se faziam para mim nostalgia que embalava o adormecer calmo daquele dia”. (BAUER; BUENO, 2013)

⁴ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=430510>> Acesso em 27 abr. de 2015.



Os olhares que compõem o referencial teórico deste estudo são transversalizados, coerente com a lógica da pós-modernidade⁵ e da visão sistêmica⁶. Para isso, iniciamos nosso percurso a partir das perspectivas do Jornalismo Literário Avançado, de Edvaldo Pereira Lima. Este autor defende que a prática jornalística vá além da lógica objetiva e factual, disseminada amplamente nas redações dos veículos de imprensa tradicionais. Para ele, o texto produzido nesses moldes se traduz, posteriormente, em uma leitura efêmera e descontextualizada, limitando o potencial da escrita jornalística. Conforme Lima (2013, p. 74):

O ideário do Jornalismo Literário Avançado prima, assim, por um desejo de abandono de qualquer leitura preconceituosa do real. Em lugar de se ater exclusivamente a um viés racionalista de compreensão, procura aquilatar as situações e acontecimentos em pauta sob um modo de entendimento que começa a partir dos seus personagens. Aliás, para essa modalidade narrativa de não ficção não existem fontes, mas sim personagens. As pessoas são personagens da vida real.

Essa compreensão de Edvaldo Pereira Lima que coloca as pessoas como matrizes da realidade nos fornece pistas importantes sobre o processo de humanização das narrativas. Em “Técnica de reportagem”, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 11) conceituam a narrativa como “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”. Neste mesmo sentido, podemos destacar o trabalho de Cremilda Medina, que parte da crítica ao modelo racional de texto jornalístico para propor o que ela chama de “a arte de tecer o presente” (2003).

Considerando o caráter social do jornalismo, encontramos em Maria Luiza Cardinale Baptista a proposta do Jornalismo Amoroso. A compreensão desta perspectiva está entrelaçada ao conceito de amor apresentado pelo biólogo chileno Humberto Maturana (1998). Para este teórico, o amor pode ser entendido como o “reconhecimento do outro como legítimo outro, na convivência”. Sendo assim, podemos salientar que “amorosidade e comunicação são palavras que representam processos de vida, absolutamente entrelaçados” (BAPTISTA, 2012, p. 96).

⁵ A concepção de pós-modernidade apresentada aqui está fundamentada em Edgar Morin (2003). Neste trabalho, o autor discorre sobre os pressupostos deste período, que inicia na segunda metade do século XX. Podemos destacar os princípios da incerteza, da mutabilidade e da pluralidade dos saberes como características marcantes deste contexto.

⁶ Refiro-me, aqui, ao conceito de visão sistêmica apresentado por Fritjof Capra (1997). Trata-se da compreensão dos saberes múltiplos como parte de um todo integrado, deslocando a atenção teórica e científica do isolamento e da fragmentação, característica presente no período da Modernidade.



A partir da compreensão da amorosidade como característica intrínseca à condição de *ser* humano, podemos perceber que as narrativas aqui mencionadas surgem para resgatar as marcas de oralidade deixadas de lado pelo jornalismo de base efêmera e racionalista. É neste momento que nos deparamos com a perspectiva da relação do sujeito com o espaço geográfico no qual ele está inserido. Em termos metodológicos, os relatos de observação participante, que são propostos por este projeto, devem estar fundamentados na sensibilidade. Isto é fundamental para que se possa ampliar o olhar para a matriz cotidiana da cidade e suas histórias. Conforme Baptista (2012, p. 99), “não há como entrar em contato com o outro, para fazer fluir informações, se não houver a disposição do encontro, verdadeira, plena”. Afinal, esses personagens, ao interagirem com o território urbano, estão produzindo textos, narrativas vivas de experiências.

Essas narrativas cotidianas podem, não obstante, acionar os sujeitos para conhecer e redescobrir seus lugares. É aqui que nos aproximamos da perspectiva dos estudos geográficos, principalmente a partir dos olhares da Geografia Crítica. Nesse sentido, o teórico brasileiro Milton Santos nos fornece pistas muito importantes. Em “O espaço do cidadão”, o geógrafo discute a relação de cidadania no Brasil, a partir da construção e distribuição do espaço geográfico (2000). Santos nos diz que a construção do espaço urbano no Brasil, assim como nos demais países da América Latina, acaba se constituindo como uma representação do contexto econômico e social. Ou seja, o território urbano aparece como uma expressão do capitalismo de mercado, como processo de exploração do sujeito, em detrimento de seus direitos humanos legítimos. Para Santos, este formato condicionaria o sujeito para um espaço não de cidadão autônomo, mas de cidadão de mercado. O autor, contudo, vê na própria relação do sujeito com seu território o elemento capaz de modificar este cenário:

É impossível imaginar uma cidadania concreta que prescindia do componente territorial. Vimos, já, que o valor do indivíduo depende do lugar em que está e que, desse modo, a igualdade dos cidadãos supõe, para todos, uma acessibilidade semelhante aos bens e serviços, sem os quais a vida não será vivida com aquele mínimo de dignidade que se impõem. (SANTOS, 2000, p. 116)

Refletir sobre o espaço urbano e suas narrativas, portanto, significa repensar o conceito de cidadania. Mais adiante, no mesmo livro, ele propõe uma *geografização da cidadania*. Segundo Santos (2000, p. 121), essa condição “[...] supõe que se levem em conta pelo menos dois tipos de franquias, a serem abertas a todos os indivíduos: os direitos territoriais e os direitos culturais, entre os quais o direito ao entorno”.



Na obra “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal”, Milton Santos (2008) propõe uma reinterpretação do mundo a partir de um olhar transdisciplinar. Para ele, é possível pensarmos em uma nova relação do sujeito com o mundo apostando, principalmente, no potencial criativo do cidadão. Desse modo, o processo de tomada de consciência começa pela visão sistêmica, pela compreensão do todo. O autor explica que “é a partir dessa visão sistêmica que se encontram, interpenetram e completam as noções de mundo e de lugar, permitindo entender como cada lugar, mas também cada coisa, cada pessoa, cada relação, dependem do mundo” (SANTOS, 2008, p. 169).

Ainda no que diz respeito ao potencial de criação dos sujeitos para a (re)descoberta de um novo ser e estar no mundo, podemos encontrar em David Harvey uma preciosa contribuição. Em artigo intitulado “O direito à cidade”, onde ele analisa este conceito trazido originalmente por Henry Levebvre, o geógrafo britânico aborda a relação do espaço geográfico como expressão da lógica de mercado capitalista. Neste texto, Harvey nos mostra que o sujeito carrega o potencial para a mudança deste cenário, uma vez que:

A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos desejamos. O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. (HARVEY, 2012, p. 74)

Sendo assim, o autor lança para o cidadão o direito a reinventar a cidade, como forma legítima de reconstruir a si mesmo. Este processo de descoberta e reinvenção de si mesmo, em relação ao mundo, encontra respaldo nas narrativas urbanas. Esse processo, portanto, pode ser visto como um dispositivo capaz de gerar leituras mais humanizadas da interação do sujeito com o espaço geográfico em que ele se relaciona.

Considerações finais

Conforme já salientado, esta pesquisa se encontra em fase inicial, com a realização de levantamento bibliográfico, seminários teóricos e relatos de observação participante no espaço urbano de Caxias do Sul. Dessa forma, o principal esforço deste texto consistiu em demonstrar o potencial das narrativas urbanas para o acionamento



dos sujeitos em interação com a cidade, levando em consideração o dinamismo do contexto pós-moderno.

Até o momento, as reflexões aqui propostas, associadas à participação do estudante nos Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo, já permitem perceber que as narrativas urbanas carregam em si uma trama de afetos e intencionalidades. Esse processo é capaz de acionar o sujeito para a criação de um novo ser e estar no mundo. Repensar o espaço geográfico a partir das narrativas urbanas nos faz compreender o direito humano legítimo de querer redescobrir a si mesmo. Para tanto, é imprescindível recorrermos à perspectiva de um jornalismo pautado pela amorosidade, a fim de reconhecermos no outro a possibilidade de construirmos um espaço geográfico mais humano e solidário.

Referências

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Jornalismo Amoroso. Quem quer (a)provar?**. REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. Ponta Grossa, v.1, n.9, p. 93-118, jan. a jun. 2012.

BAUER, Jennifer; BUENO, Ronaldo Velho. Olhares Cruzados. Jornal O Florense. Flores da Cunha, 22. nov. 2013. Caderno de sábado, p. 2. Disponível em http://oflorense.com.br/interna_noticias.php?id=3895&secao=7> Acesso em 27. abr. 2013.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 2. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1997. 256 p.

_____. **O ponto de mutação**. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Lutas Sociais. São Paulo, n.29, p. 73-89, jul. a dez. 2012.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Unicamp - Faculdade de Educação, 1993. 271p.

_____. **Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI**. INOVCOM – Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação. [S. l.], v. 5. n. 2, p. 68-78, set. 2013.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.



MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 5. ed. São Paulo: Nobel, 2000.

_____. **Por uma geografia nova**. 4. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

_____. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.